

etnográfica

Etnográfica

Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia

número especial | 2024

Número Especial - 50 Anos 25 de Abril

Revolução, turismo e antropologia

Marta Prista



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/etnografica/16100>

DOI: [10.4000/etnografica.16100](https://doi.org/10.4000/etnografica.16100)

ISSN: 2182-2891

Editora

Centro em Rede de Investigação em Antropologia

Edição impressa

Paginação: 279-288

ISSN: 0873-6561

Refêrencia eletrónica

Marta Prista, «Revolução, turismo e antropologia», *Etnográfica* [Online], número especial | 2024, posto online no dia 23 abril 2024, consultado o 28 maio 2024. URL: <http://journals.openedition.org/etnografica/16100>; DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.16100>



Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC BY-NC 4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.

Revolução, turismo e antropologia

Marta Prista

PRISTA, Marta (marta.prista@fcsb.unl.pt) – CRIA NOVA FCSH / IN2PAST. ORCID:
<https://orcid.org/0000-0002-7210-4373>.

*Quem não dormiu no sleeping bag nem sequer sonhou.*¹

AVRIL AU PORTUGAL. PELA MÃO DO COMISSARIADO DE TURISMO, o Estado Novo promoveu a viagem a Portugal recebendo os estrangeiros no dia do turista com flores, *souvenirs* e sorrisos de jovens trajadas à imagem do país que se queria.² Em 1974, uns dias depois, as flores são cravos, os trajas são militares e abril é destino de revolução. *Depois do adeus* ao regime, *Grândola*, o povo sai à rua, o mundo corre o país. É a “nação em movimento” de José Cardoso Pires (1999: 225).

De fora chegam os *revolution junkies*, chamou-lhes Joana Craveiro, repórteres, fotógrafos e cineastas ávidos por ver, viver e contar a revolução. São nomes como García Márquez, Phillippe Gavi, Glauber Rocha e Robert Kramer. Escrevem para a *Time*, o *International Herald Tribune*, *The Guardian*, *Le Monde*, o *Libération*, a *Triunfo*, a *Alternativa* e a *Visão*; filmam *Torre Bela* (Harlan 1977) e *Viva Portugal* (Rauch, July e Schirmbeck 1975), montam *Revolução* (Hatherly 1975) e participam em *As Armas e o Povo* (CTAC 1975). “Em que mês foste?” torna-se outra credencial da imprensa, lembra Ramon Font.³ Juntam-se intelectuais, dirigentes e militantes políticos, de Jean-Paul Sartre a Manuel Castells, de Rossanna Rossanda a Georges Marchais. Convidados ou por arroubo, vinham ver o “último teatro leninista”, a revolução ainda era possível na Europa (Pouchin 1994: 180). Das ditaduras sul-americanas, chegam militares e militantes “carentes de alecrim”.⁴ Comunistas e outras esquerdas brasileiras associam-se às organizações políticas portuguesas, exilados no e refugiados do Chile juntam-se à “primavera”, alguns dividem *Um Lugar ao Sol* na Caparica com os mal-chamados retornados (Pezzonía 2016).

A nação em movimento era também a dos militares e militantes, de quadros técnicos e jovens profissionais, artistas e estudantes que, percorrendo o país, fazem a revolução na luta pel’“a paz, o pão, habitação, saúde, educação”.⁵ A norte e centro, as Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA mobilizam o setor cultural e intelectual em jornadas pelas aldeias com vista ao esclarecimento político, descentralização cultural e participação do povo no projeto revolucionário (Almeida 2009). A sul, a natureza coletiva e anticapitalista da Reforma Agrária gera novas relações de produção apoiadas

1 Nasci depois de abril, depois do PREC, e assim me cantarolavam entre a provocação e o carinho quando expressava nostalgia do que não vivi, adaptando *O Sonho Acabou* (Gilberto Gil 1972).

2 RTP Arquivos, “Dia do Turista em Lisboa”, 20/04/1968.

3 Susana Salvador, “Ramon Font: o homem da Catalunha em Lisboa”, *Diário de Notícias*, 11/09/2016.

4 *Tanto Mar* (Chico Buarque 1974).

5 *Liberdade* (Sérgio Godinho 1974).

por militares progressistas e estruturas sindicais (Barros 1981), e a Comissão Revolucionária de Apoio à Reforma Agrária organiza o trabalho voluntário de estudantes e jovens profissionais. Por todo o país, viajam médicos do Internato de Policlínica e Serviço Médico à Periferia na democratização do acesso aos cuidados de saúde; estudantes no Serviço Cívico Estudantil, Campanhas de Alfabetização e Educação Sanitária ou Movimento Alfa atuam da cultura à infraestrutura para lá do muro da escola (Oliveira 2004); arquitetos, engenheiros e técnicos do Serviço de Apoio Ambulatório Local apoiam o exercício do direito à habitação (Baía 2012). Em comum, partem pelo país para tomar contacto com o povo, suas realidades e suas necessidades, entre o espírito de missão e outras obrigações, mas também para formar cidadãos da nova nação, entre os que vão e os que estão.

Nem sempre as suas práticas em viagem os colocam no campo do trabalho, todavia. Tão-pouco são os únicos atores da nação em movimento. Militantes e brigadistas vão também na promessa de aprendizagens mútuas e experiências gratificantes, moral e esteticamente, à mesa e ao sereno. Tavares Rodrigues fala de ir à praia “lavar o cansaço” e ver a beleza “que os trabalhadores hão de aprender a visitar e a sentir seus, logo que para tal disponham do mínimo de lazer, do mínimo de bem-estar, que tornam a vida humana”.⁶ À margem das campanhas, outros aventuram-se “ao encontro do povo” (Branco e Oliveira 1993). Jovens batem à porta para saber como ajudar na construção de uma sociedade mais igualitária (Baía 2012) e profissionais juntam-se ao CRARA e a movimentos estudantis para conhecer a vida real das pessoas, entre o trabalho e o lazer, a visão contrapastoral das condições materiais e o romantismo do idílico pastoral, como modernos que são na “busca da autenticidade” em outro tempo e espaço (MacCannell 1976). Uns vêm fazer a revolução socialista, andar em sessões de esclarecimento e empilhar cortiça ou dormir nos montes e ceiar com os trabalhadores não diferindo na natureza, pois “na militância todo o trabalho é igual, intelectual ou manual”; outros vão para os olivais na carroça e ficam “sem costas e sem mãos” para conhecer no corpo o trabalho e a vida rural que não era a sua.⁷

Do estrangeiro, turistas e militantes vêm ver a nova sociedade nascer e participar na revolução que desejam mundial. Da Europa chegam *tours* para visitar os lugares e os atores da revolução portuguesa, com turistas engajados politicamente e outros em busca do seu “extra-ordinário” (Urry 1990). Sedes e manifestações políticas, fábricas e cooperativas agrícolas tornam-se visitas obrigatórias como a PIDE foi para os jornalistas de Abril (Araújo 2019). Com a *Nouvelles Frontières*, fundada pelos jovens de Maio de 68 e experiente no Chile de Allende e no socialismo agrário da Tanzânia, vêm em família e como

6 Urbano Tavares Rodrigues, “A Rocha de São Torpes”, *Diário de Lisboa*, 01/07/1974, p. 3.

7 Conversas informais com participantes em ações do CRARA, MES e UEC (dezembro 2023).

família, Patrick Weil até guia uma excursão em autogestão no governo do alojamento e itinerário.⁸ Voluntários juntam-se a movimentos organizados, como os Companheiros Construtores, de inspiração católica, para trabalhar e conhecer o país através das famílias que os hospedam e com quem convivem (Baía 2012). Na Cidade Universitária, instala-se um campo de juventude internacional para fazer “política prática” na troca cultural entre revolucionários de diferentes nacionalidades.⁹ E os estudantes lançam o turismo estudantil para trazer jovens da província à cidade em atividades educativas, para levar jovens à província a estabelecer “contacto profundo” com realidade e gente do país.¹⁰

De outros turistas no exterior do aparato que lhes dá rastro sabe-se pouco. Da Europa chegam atraídos pelo sol e pela festa, pelo baixo custo de vida e pela ausência de turistas. A esquerda francesa viaja para Portugal como destino revolucionário quase exótico no atraso que promete a experiência de si e do outro (Pereira 2010). De Espanha, vêm também em busca de “*souvenirs* de liberdade”, práticas que proibidas em casa tornam Portugal em experiência de emancipação e consumo cultural (Luís 2019). Nas estradas, veem-se mochileiros alemães a caminho do Algarve para beber cerveja na praia e falar com os pescadores na lota.¹¹ Depois da FNAT, o INATEL conduz o direito ao repouso, lazer, cultura e desporto na oferta de turismo social e animação cultural. Como o exercem operários e pescadores, camponeses do norte e trabalhadores do sul é questão que fica. Mas, organizados e não, não são “hordas de turistas” que compensem a perda da “clientela habitual” afugentada pela “imprensa alarmista” (Colombani 1976: 139).

Diz a história, “para a luta política em curso, o turismo é irrelevante” (Brito 2003: 835), um hiato entre a década de ouro de 1960 e a política de desenvolvimento regional de 1980. Talvez. Mas Abril tornou-se sinónimo de liberdade – liberdade de movimento e de associação, de expressão política e ético-moral, de experiências e sociabilidades, lazer e consumo, liberdades que fazem o sortido de práticas que fazem o país em movimento. Desenhado na viagem e no encontro com o outro, o turismo é expressão desta liberdade, e da disciplinação das suas possibilidades. Claro que a recessão económica internacional se reflete no setor, nacionalizações e intento contra o sistema produtivo oligárquico geram quebras de produtividade e inflação, a descolonização encerra o mercado colonial e traz milhares de cidadãos sem habitação nem trabalho, enquanto novas condições laborais e correções salariais combatem a exploração e retraem o investimento privado. De atividade em ascensão, o turismo quebra em metade. A revolução tem de o pensar.

8 Isabel Lopes, “Turismo na revolução”, *Única*, 24/04/2004, pp. 62-68.

9 Marvine Howe, “Political tourists flock to see Portugal’s revolution”, *The New York Times*, 07/09/1975.

10 RTP Arquivos, “Turismo Estudantil”, 06/11/1974.

11 Conversas informais com participantes em ações do CRARA, MES e UEC (dezembro 2023).

Logo no I Governo Provisório, Pereira de Moura defende o turismo de massas contra o que seria a prostituição do povo e Manuel Rocha retruca que o turismo não é setor social, é expediente para equilíbrio das contas (Colombani 1976). À frente da DGT, Cristiano de Freitas é apoiado por José Carrasco, sucessor de si mesmo nos novos Serviços de Promoção. Com o III Governo Provisório, institucionalizam-se o turismo social e a promoção internacional. O direito ao descanso e férias das classes trabalhadoras coloca o turismo no campo da democratização, chegam até notícias de campistas nos golfes do Algarve (Colombani 1976). Mas como indústria de produção e exportação, o turismo é desenvolvimento, está com o Comércio Externo na orgânica dos governos e nos anúncios de “*Portugal, feel free*” nos autocarros londrinos.¹² Não significa que arrede o social, tão-pouco o socialismo, inclusive foi recurso na resposta imediata aos efeitos sociodemográficos da descolonização e estendeu os órgãos oficiais à Europa de Leste. Mas cedo o VI Governo Provisório reage às preocupações da indústria e declara o turismo como “atividade privada e prioritária” (Pina 1988).

Talvez o turismo tenha caído fora do aparelho ideológico do Estado durante o PREC, não sendo, como em países socialistas da Ásia e América Central, agente de projetos oficiais de socialização política de cidadãos (*cf.* Zuo, Huang e Liu 2015). Mas a Revolução dos Cravos foi atração e experiência turística de diferentes atores e forças de transformação social. É possível que, como instituição e exercício da ideologia dominante, tenha sido expressão do poder fragmentado do Estado, com visões e interesses plurais, conflituais e antagônicos; o seu “arquivo” frustrado pela desarticulação institucional, desordem social que a recém-adquirida liberdade animou, falta de controlo de fronteiras por uma polícia retraída (Pereira 2010). É provável que, como “campo laboratorial” da antropologia (Silva 2004), o turismo na revolução tenha sofrido da sua genérica desqualificação como tema sério das ciências sociais numa conceção hedonista e economicista; o seu “repertório” desconsiderado por uma antropologia então indiferente ao processo de transição democrática (Almeida 2007). São afinal conhecidas as críticas ao turismo como pseudoevento, mercadorização da cultura e forma de imperialismo. Abel Manta retratou-as em *Algarve e Noites Algarvias*, no turista que olha “uma casa portuguesa com certeza”, sem “paredes caídas”, e “na fachada escrito em cima que é” Vila Allende.¹³ Integram, porém, a ambiguidade intrínseca do turismo como indústria e práticas, económicas e culturais, políticas e sociais.

Pensando-o como modo de produção integrado nas pastas ministeriais da economia e comércio externos durante o PREC, a evasão do turismo à nacionalização e a persistência de consumos de classe parecem indiferentes ao seu

12 Disponível em < <https://eshoris.hypotheses.org/3704> > (última consulta em abril de 2024).

13 *Cf. Uma Casa Portuguesa* (Amália Rodrigues 1953) e *Gente Humilde* (Chico Buarque 1970).

papel na configuração de sociedades capitalistas, mais do que prenúncio da revolução dos seus meios e relações de produção. O casamento difícil entre socialismo e turismo é conhecido nas tensões geradas entre visões de cidadania e justiça social e efeitos da inscrição numa economia política internacional (Sanchez e Adams 2008). Mas a relação entre turismo e política é intrínseca, um e outro constroem lugares e imaginários negociados entre intervenções mais e menos explícitas da sua produção, e a experiência e representação de atores sociais plurais. Neste recorte, o que faz o turismo quando a revolução é motivação? Diz um turista político, “do estrangeiro, parece que a revolução já aconteceu em Portugal, mas aqui vêes que está só a começar”.¹⁴

A revolução é mais do que a rutura com a ordem vigente ou quebra de paradigma político. Está na experiência e memória incorporadas, mas também na imaginação e vontade das forças revolucionárias e forças sociais que transformam regimes de governança e do social de modo contingente, plural e concorrente, na organização de novas realidades sociais. Também o turismo é mais do que indústria económica e instituição social, enquanto prática cultural e encontro moral, modo de ordenar o mundo. Dean MacCannell considerou-o modelo para pensar o homem moderno e John Urry o pós-moderno, Adrian Franklin viu-o como construção do *self* e Freya Higgins-Desbiolles força social e empreendimento moral. No presente da revolução, o turismo pode assim ser visto como campo de *performance* revolucionária onde a antropologia pode inquirir a insubmissão da revolução a uma qualquer coerência ou encerramento; o turista de Abril revelando imaginários da sociedade que vive e que quer, em continuidade ou em rutura com o *Avril au Portugal*, reescrevendo geografias do país, culturais e recreativas e revolucionárias. Como então a revolução faz o turismo, como o turismo faz revolução? Como ou se.

Turismo político e turistas revolucionários, turismo de revolução e turistas de solidariedade são algumas das expressões usadas para designar relações entre a revolução socialista e a prática turística em Cuba, na Nicarágua, ex-repúblicas soviéticas e RDA, China e sudeste asiático.¹⁵ Como categorias têm limites analíticos, escapam a porosidades e divergências, encontram resistência entre atores sociais que mantêm viva a divisão moderna trabalho-lazer. Não deixam de convocar formas de ver e fazer a revolução na experiência turística promovida como forma de socialização ideológica, vivida como solidariedade cosmopolita ou consumida como atração extraordinária. No confronto e convergência, circulação e interação, tensão e negociação, entre seus discursos e imagens, práticas individuais e coletivas, relações estruturais e condições materiais, tornam-se, porém, tangíveis os “imaginários turísticos” (Salazar e

14 Marvinne Howe, “Political tourists flock to see Portugal’s revolution”, *The New York Times*, 07/09/1975.

15 Destaca-se o trabalho de Maureen Moynagh, Paul Hollander, Florence Babb, Bing Zuo, John Hutnyk.

Graburn 2014) do país e do povo, de sociedade e de classe, da revolução, que colocaram a “nação em movimento”. Olhar para a sua coreografia e para a reconstrução contínua da “praxis e do espaço” (Edensor 2001) na regulação e no improviso de práticas de viagem, de encontros e de experiências turísticas, é pensar na sua *performance* como conhecimento corporizado que informa imaginários políticos e sociais, racional e emocionalmente, fazendo revolução na abstração e no particular.

A paisagem da revolução pode ter sido mercadorizada pelo turismo, como *marketing* da nação para sossegar ansiedades com uma Cuba na Europa ou expressão da polifonia ideológica que projetou em Portugal diferentes imaginários e aspirações revolucionários. Não deixou por isso de responder a sensibilidades socialistas ou internacionalistas de quem, na luta política por outra sociedade, encetou “viagens sagradas” (Graburn 1978) na *performance* de dramas que aqui são tão individuais como coletivos. Os campos, as obras ou a dinamização cultural foram *loci* de ideias e de práticas socioprodutivas, a questão é se criaram novas relações de produção e governação, se fizeram revolução. Outras pessoas saíram em busca da autenticidade do país na experiência de outro modo de vida como *performance* de uma nova cidadania e ordem social. Diluindo a distância entre trabalho e lazer, participar tornou o trabalho objeto de curiosidade turística tanto quando conhecimento corporizado de outra realidade material. Ao povo como “co-agente do processo revolucionário” (Almeida 2009: 339), juntam-se então jovens estudantes e profissionais, principalmente urbanos. E nesta construção de outra sociedade pela colaboração e fraternização talvez se ensaiem novas relações e estruturas sociais, mas também se desafiem as vontades de desdiferenciação na intelectualização de práticas assentes em discursos sobre o outro e a sua autenticidade.

Talvez a questão se coloque no campo da agência e da relacionalidade gerada no encontro turístico e revolucionário. Todo o *gaze* é mútuo, e a intimidade do encontro, turístico e revolucionário, é mobilizada na contestação e renegociação de imaginários de país e revolução, de fronteiras sociais e construção do *self* e do outro, entre práticas militantes, de solidariedade e de consumo ético, mas também do quotidiano. Enfim, afinal, que fez a presença de trabalhadores-turistas nos campos para quem os vivia sem escolha? Pensar o turismo da revolução na sua dimensão imaginativa enquanto prática cultural e projeto social não pode descuidar outros olhares, afastar representação e *performance* de relações de poder e trabalho, de desigualdades estruturais e da economia política, da disrupção no modo de vida local. Que a atenção ao mural não distraia do facto de o muro ter sido vendido, advertiu Naomi Klein.

Em 1975 “murcharam a festa”,¹⁶ em 1976 “o sonho acabou”. A crise da legitimidade revolucionária dá lugar à legitimidade democrática, a construção

16 *Tanto Mar* (Chico Buarque 1978).

do Estado socialista ao Estado europeu neoliberal, em processo a recomposição do sistema capitalista (Santos 1984). A Constituição consagra o direito ao repouso e lazer, o direito à cultura e ao desporto. O Estado tem o dever de acautelar a sua infraestruturização, mas o turismo é considerado “não nacionalizado nem nacionalizável”, setor económico de iniciativa privada a promover com vista à atenuação do déficit da balança de pagamentos, valorização do património nacional, criação de emprego e qualificação da vida das populações. Em 1977, o turismo é o único saldo positivo na balança de pagamentos, “passada a perturbação local, é o *business as usual*” (Brito 2003: 829), mas “amanhã pode ser outro dia”.¹⁷

17 Cf. *Apesar de Você* (Chico Buarque 1978).

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Sónia Vespeira de, 2007, “Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA: uma etnografia restropectiva”, *Arquivos da Memória*, 2: 47-65.
- ALMEIDA, Sónia Vespeira de, 2009, *Camponeses, Cultura e Revolução: Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA (1974-1975)*. Lisboa: Edições Colibri.
- ARAÚJO, António, 2019, “Morte à PIDE!”: *A Queda da Polícia Política do Estado Novo*. Lisboa: Tinta da China.
- BAÍA, João, 2012, *SAAL e Autoconstrução em Coimbra: Memória dos Moradores do Bairro da Relvinha 1954-1976*. Lisboa: 100 Luz.
- BARROS, Afonso, 1981, *A Reforma Agrária em Portugal: Das Ocupações de Terras à Formação das Novas Unidades de Produção*. Oeiras: Instituto Gulbenkian Ciência.
- BRANCO, Jorge Freitas, e Luísa Tiago de OLIVEIRA, 1993, *Ao Encontro do Povo – I: A Missão*. Oeiras: Celta.
- BRITO, Sérgio Palma, 2003, *Notas sobre a Evolução do Viajar e a Formação do Turismo*. Lisboa: Medialivros.
- COLOMBANI, Christian, 1976, “O incómodo legado do salazarismo”, *Portugal na Imprensa Estrangeira*. Lisboa: Secretaria de Estado da Comunicação Social, 137-142.
- EDENSOR, Tim, 2001, “Performing tourism, staging tourism”, *Tourist Studies*, 1: 59-81.
- GRABURN, Nelson, 1978, “Tourism: the sacred journey”, in Valene Smith (org.), *Hosts and Guests: The Anthropology of Tourism*. Filadélfia, PA: University of Pennsylvania Press, 21-36.
- LUÍS, Rita, 2019, “Espanhóis em Portugal: ócio, militância e exílio no contexto do processo revolucionário (1974-1975)”, in Núria Codina Solà e Teresa Pinheiro (orgs.), *Iberian Studies: Reflections Across Borders and Disciplines*. Berlim: Peter Land, 115-137.
- MACCANNELL, Dean, 1976, *The Tourist: A New Theory of the Leisure Class*. Nova Iorque: Schocken.
- OLIVEIRA, Luísa Tiago, 2004, *Estudantes e Povo na Revolução, O Serviço Cívico Estudantil (1974-1977)*. Oeiras: Celta.
- PEREIRA, Victor, 2010, “‘Será que verei Lisboa?’ Peregrinações de franceses no Processo Revolucionário em Curso”, *Relações Internacionais*, 25: 91-105.
- PEZZONIA, Rodrigo, 2016, *Exílio em Português: Política e Vivências de Brasileiros em Portugal (1974-1982)*. São Paulo, Universidade de São Paulo, tese de doutoramento em História Social.
- PINA, Paulo, 1988, *Portugal: O Turismo no Século XX*. Lisboa: Lucidus.
- PIRES, José Cardoso, 1999, “Literatura e Revolução dos Cravos”, *E Agora, José?* Lisboa: Publicações D. Quixote, 223-230.
- POUCHIN, Dominique, 1994, “O último teatro leninista”, Mário Mesquita e José Rebelo (orgs.), *O 25 de Abril nos Media Internacionais*. Porto: Afrontamento, 179-183.
- SALAZAR, Noel e Nelson GRABURN (orgs.), 2014, *Tourism Imaginaries: Anthropological Approaches*. Nova Iorque: Berghahn Books.
- SANCHEZ, Peter, e Kathleen ADAMS, 2008 “The Janus-faced character of tourism in Cuba”, *Annals of Tourism Research*, 35 (1): 27-46.
- SANTOS, Boaventura de Sousa, 1984, “A crise do Estado e a Aliança Povo/MFA em 1974-1975”, *Seminário 25 de Abril: 10 Anos Depois*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 45-48.

- SILVA, Maria Carneira da (org.), 2004, *Outros Trópicos: Novos Destinos Turísticos, Novos Terrénos da Antropologia*. Lisboa: Livros Horizonte.
- URRY, John, 1990, *The Tourist Gaze*. Londres: Sage.
- ZUO, Bing, Songshan HUANG, e Luhu LIU, 2015, “Tourism as an agent of political socialisation”, *International Journal of Tourism Research*, 18 (2): 176-185.